

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Novembro de 2025 - Nº 641

Diretores - Antonio Marcello da Silva (1931 - 2025) - Pascoal Andreta (1915 - 1982) - Ugo Labegalini (1931 - 2012) - Ivan Mariano Silva (1935 - 2020) - Alessandra Mariano (1969 -).

MUITO DEVEMOS AO DR. ANTONIO MARCELLO DA SILVA

L. A. GENGHINI

Na segunda metade da década dos 1950-60, Monte Sião era uma pequena cidade do interior, no extremo Sul de Minas, vivendo uma terrível crise de identidade. A cidade que havia registrado considerável progresso nas décadas anteriores, já tinha sofrido durante a revolução constitucionalista e, depois, as imposições aos estrangeiros (Italianos, Alemães e Japoneses) durante a Segunda Guerra Mundial. Mesmo Assim, em 06 de janeiro de 1950, o município foi promovido ao status de Comarca com a consequente instalação do poder judiciário.

Entre 1956 e 1961, o cargo de Promotor de Justiça da Comarca foi ocupado por dr. Antonio Marcello da Silva, num período em que a cidade conhecia um dos maiores êxodos de seus munícipes rumo ao Norte do Paraná, em busca das terras que estavam sendo oferecidas pelas companhias de loteamentos que lá atuavam. No período, Monte Sião teve sua população altamente reduzida perdendo cerca de 30% de sua força de trabalho, que foi ao Paraná, em busca de oportunidades, e, mais uma vez, estimulados pela mesma propaganda que os havia trazido da Itália, uns sessenta anos antes.

A chegada de Dr. Marcello foi marcante. Ao perceber a situação da Comarca em perigo de perder as características para tal, foi “chutando o balde” e chamando todos à razão.

A seguir um breve relato dessas atividades, extraído da apresentação do editor do livro “Folhas ao Vento”: cujo autor, Antonio Marcello da Silva, ‘foi primogênito do casal Antonio Cristiano da Silva e Armênia de Magalhães Silva, nasceu em Cabo Verde, Minas Gerais, em 16 de janeiro de 1931, mas foi criado no Rio de Janeiro, para onde sua família se mudou cerca de quatro anos depois. Na então Capital da República, fez o fundamental (a partir da 5ª série) e o médio no vetusto Colégio São Bento e frequentou, durante três anos, o curso de Pintura da Escola Nacional de Belas Artes, enquanto seguia o ensino médio. (Enquanto estudante, trabalhou no Loid Aéreo Brasileiro). Em dezembro de 1953 bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, o que lhe permitiu ingressar no Ministério Público de Minas Gerais e, em fins de 1961, no de São Paulo, tendo atuado em várias comarcas do interior deste estado até sua aposentadoria, em 1982, como promotor de justiça da capital paulista. De seu primeiro casamento nasceram qua-

tro filhos, dois mineiros, Felipe e Geraldo e dois paulistas, Marcelo Augusto e Andréa. Casado em segundas núpcias com Sonia Gouvêa da Silva, vive com a esposa e a filha Fabiana em Campinas, desde 1986. Tendo residido no município mineiro de Monte Sião, de cuja promotoria foi titular entre 1956 e 1961, participou ativamente das atividades sociais da comunidade, incentivando a criação da SAMS (Sociedade Amigos de Monte Sião), de uma biblioteca, mantida pela prefeitura local, e de um quinzenário de finalidades culturais, que sobrevive até hoje, como mensário – o “Monte Sião”, com o mesmo nome da cidade em que veio à luz. Os contos, crônicas e outros artigos enfeixados nesta coletânea constituem uma seleção, feita pelo próprio autor, dos escritos que publicou no Monte Sião, desde sua fundação em 1958.”

No estado de São Paulo, especialmente na capital, conviveu com grandes doutos do direito naquela época, como Ely Lopes Meireles, Antonio Tito Costa e outros, tanto que o comentário de orelha do lançamento de seu livro “Contratações Administrativas”, 1971, pela editora Revista dos Tribunais, destaca: “Promotor Público em São Paulo, o autor é atualmente assessor do

Secretário Geral do Ministério da Justiça. Quando Assistente Técnico do Prof. Hely Lopes Meirelles, na Secretaria da Justiça de São Paulo, participou dos trabalhos da Comissão de Secretários de Estado que elaborou o Projeto da Lei de Obras, Serviços, Compras e Alienações da Administração Centralizada e Autárquica do Estado, que é objeto de seus comentários neste volume”.

A história da relação de amor entre Dr. Antonio Marcello da Silva e Monte Sião remonta, portanto, à segunda metade da década de 1950, quando o jovem promotor chegou para ser o segundo Promotor de Justiça da Comarca, recém instalada, que coincidentemente era a Segunda Comarca em que atuaria como Promotor.

Como Promotor de Justiça, Dr. Marcello pautou-se pela Lei e pelo equilíbrio, levando a nova Comarca ao nível de respeito e civilidade que atualmente invejaria qualquer jovem togado. Como homem, Dr. Marcello extrapolou e, para muito além das funções típicas de Promotor de Justiça, se envolveu com a cidade criando o que poderia ser chamado de movimento de resistência, haja vista que estava em curso o êxodo da população de agricultores rumo ao norte do estado do Paraná.

Foi sob a batuta e os estímulos do Dr. Marcello que fundaram a SAMS – Sociedade Amigos de Monte Sião, instituíram a Biblioteca Municipal, distribuíram presentes às crianças no Natal e atenderam aos necessitados, mas a ação mais marcante e duradoura foi a fundação do Jornal Monte Sião que sobrevive até nossos dias, rumando aos 70 anos. Um senhor!

Depois de vida tão rica e trajetória tão marcante, o nosso eterno fundador e

diretor do MONTE SIÃO, deixou-nos em 31 de outubro de 2025, aos 94 anos de vida, tendo sido velado e sepultado no Cemitério Flamboyant, em Campinas, SP, no dia 01 de novembro de 2025.

Aproveitamos este singelo momento para prestar nossa homenagem póstuma ao querido mestre Dr. Marcello, e, apresentar nossas condolências aos familiares, especialmente à D. Sônia e à Professora Fabiana.



CRÔNICAS DA MINHA GENTE O ANIVERSÁRIO DA MARILU

IVAN

Aconteceu no paraíso de sua casa, nas alturas (pois que reside na sobreloja) celestiais, as convidadas (quase que só tinha mulher) recebidas no Éden – seu jardim de inverno. Na mesa da ceia e à mão direita da Marilu estava Deus, ou sabia-se que estava, já que anjos, arcanjos e querubins esvoaçantes encobriam Seu divino corpo. Sem ser convidado, mas certo de que a aniversariante gostaria, surgiu Jesus na porta: “Mas só tem mulher!”, ao que a Marilu convidou: “Entraí e bendito sede Vós entre as mulheres”. Jesus entrou e, desconfiado, vasculhou o ambiente com Seu olhar de varredura, temendo estar ali presente Judas. Só estava o Claudio, irmão da Marilu, remanescente masculino da família Faraco, incapaz de um beijo traidor. Tranquilizado, o Senhor beijou

a própria mão e soprou o beijo sobre as mulheres, consolidando a graça que trazem em si. Da Marilu, ungiu a testa, consagrando-a.

Sobre a mesa, o pão ázimo (foi o Carlão da Eponina que mandou falar assim), o vinho sem álcool e água benta sem gás. Escondido, o Claudio levou uísque que, Cristo, com aquela mania de milagreiro, transformou em limonada para não tirar a santidade do evento. Cynara Bailoni ofereceu de sua fábrica saquinhos de “crostatas”, bolachinhas crocantes em forma de hóstias, adequadas ao evento, ótimas para colher e levar patês à boca. Da única tilápia congelada no freezer, a pedido da Marilu, o Senhor operou apetitosa e desmedida muqueca à capixaba, além de ensofado, bisando o milagre dos peixes que, pelo passar dos anos, ia esquecendo e quase precisa

consultar o livro de receitas. O prato principal, entretanto, foi o assado de ave-do-paraíso e a sobremesa, papo de anjo. No fundo, música sacra entoada pelo coral Table’s Angels, com arcanjos adejando sobre os convivas. Cantaram “O Senhor é meu pastor”, “O que é que eu sou sem Jesus”, enquanto que a Marilu, segunda-voz do coral “Seresta Estrela d’Alvaro”, chamava a atenção do Divino, cantando “Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui”. Sorrindo, Ele respondeu: “Eu sei, eu sei, Marilu, você sempre esteve não só aqui, como Comigo também” Foi quando, ofegando e sem pedir licença, Tomé adentrou o recinto, proferindo: “Não acredito, não acredito em mesa tão farta”. Foi só, então que, notando apenas mulheres, deixou o Éden e, banindo-se, saiu a bater pernas pela Praça em frente, como os filhos de Adão e Eva.

Para terminar, das fruteiras foram servidos figos, tâmaras e damascos procedentes de Jerusalém, menos as maçãs, jogadas fora pela rosa Rosa, irmã da Marilu: “Nada de maçã aqui, neste ambiente puro e casto”. Os mesmos anjos cantores entoaram hinos, hosanas, aleluias, enquanto a festejada partia o bolo com raios de luz celestiais, soprava os círios – em vez das velinhas – com hálito santificado. Da cadeira vazia, o Gramory, marido, havia saído para cumprir dever de força maior, mas sua aura ficou rondando a festa bonita; sorria de mostrar o céu da boca.

É por causa desta celebração, e por Jesus também, que a Marilu readquiriu o semblante de adolescente, milagre exclusivo aos bons. Se você passar por ela, repare bem.

Já ia esquecendo. Das sobras de seu nascimen-

AMIGOS

passaram por aqui
e deixaram passos
nas pedras

perfume nas plantas
vozes no vento
sonhos nas nuvens

aves canoras
que alegraram
nossas histórias

Marcelo agora
grato amigo
de destino etéreo

kuaia

to, Jesus trouxe mirra e incenso, perfumando o ambiente. O ouro já estava lá: as amigas da Marilu. Parabéns, Maria Luzia Faraco.

Crônicas da Minha

Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 85

ISMAEL RIELI

Brasileiras porretas Eunice Paiva, Clarice Herzog, Zuzu Angel e muitas outras. Espada de Dâmocles Significa uma ameaça permanente, um perigo iminente e terrível. Dâmocles era um cortesão que cercava de lisonjas o tirano de Siracusa, Dionisio O Velho. Certo dia, como exaltasse a felicidade de Dionisio, que exercia autoridade sem contraste e cuja palavra era lei. O tirano fê-lo sentar-se em seu próprio lugar, mas mandou que colocassem, acima de sua cabeça, uma espada pendente de um fio que a qualquer instante poderia romper-se. Queria com isso simbolizar as inquietações do poder.

É como diz a poetisa goiana: Não podemos acrescentar dias em nossa vida, mas podemos acrescentar vida aos nossos dias. (Cora Coralina). X X X Teste seus conhecimentos Quais os autores dos textos que vêm a seguir? 1 – To be or not to be, that is the question.

2 – Discordo de tudo que você disse, mas defendendo até a morte o direito de dizê-lo. 3 – Eppur si muove! 4 – Le coeur a des raisons que la raison ele même meconait. 5 – Prometo-lhes: sangue, suor e lágrimas. 6 – Colombo, fecha a porta de teus mares. 7 – Os que forem brasileiros que me sigam. 8 – Ora direis ouvir estrelas. 9 – Saiba morrer o que viver não soube. 10 – Alma minha gentil que te partiste Tão cedo desta vida descontente Repousa lá no céu eternamente E viva eu ca na terra sempre triste. 11 – Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela; Mas não servia ao pai, servia a ela, E a ela só por premio pretendia. 12 – Amor é fogo que arde sem se ver, É ferida que dói e não se sente; É um contentamento descontente; É dor que desatina sem doer; 13 – Cada uno como Dios le hizo y aun peor

muchas veces. 14 – Fazei tudo o que ele vos disser. 15 – Depois de mim virá aquele de quem não sou digno de desatar as correias de sua sandália. 16 – De sua formosura deixai-me que diga: é belo como o coqueiro que vence a areia marinha. — De sua formosura deixai-me que diga: belo como o avelós contra o Agreste de cinza. — De sua formosura deixai-me que diga: belo como a palmatória na caatinga sem salivava. — De sua formosura deixai-me que diga: é tão belo como um sim numa sala negativa. — É tão belo como a soca que o canavial multiplica. — Belo porque é uma porta abrindo-se em mais saídas. — Belo como a última onda que o fim do mar sempre adia. — É tão belo como as ondas em sua adição infinita.

ta. — Belo porque tem do novo a surpresa e a alegria. — Belo como a coisa nova na prateleira até então vazia. — Como qualquer coisa nova inaugurando o seu dia. — Ou como o caderno novo quando a gente o principia. — E belo porque com o novo todo o velho contagia. — Belo porque corrompe com sangue novo a anemia. — Infecciona a miséria com vida nova e sadia. — Com oásis, o deserto, com ventos, a calma-ria. X X X Juramento de Hipócrates Compromisso que , quando se formam, assumem os médicos, no sentido de exercer com honra a sua profissão, dedicando-se desveladamente aos seus doentes e respeitando o código de ética profissional. A Hipócrates atribui-se atitude de incorruptibilidade

e de intransigência. X X X Respostas 1 – Shakespeare, o bardo inglês de Stratford Upon Aven. Teatrólogo inglês. 2 – Voltaire, filósofo francês. 3 – Galileu Galilei, astrônomo pisano, ao defender o heliocentrismo. Ao constatar que a terra gira em torno do sol, ameaçado pela inquisição de ir pra fogueira concordou: Já que vocês querem, a terra não se move. Mas, no fim da vida, às portas da morte confirmou Eppur si muove. Contudo se move. 4 – Pascal, filósofo francês. O coração tem razões que a própria razão desconhece. 5 – Churchill herói Inglês da 2º Guerra. 6 – Castro Alves, o poeta dos escravos, no livro Navio Negreiro. 7 – Duque de Caxias, numa das batalhas da Guerra do Paraguai. Uma vitória que não nos enobrece, mas nos avilta. 8 – Olavo Bilac, o príncipe dos poetas parnasianos. 9 – Bocage, poeta português. Não era só pia-dista, foi um grande sonetista.

10 – Camões, o grande poeta da língua portuguesa. Autor do volumoso poema épico Os Lusíadas foi também um exímio poeta lírico. 11 – Camões. 12 – Camões. 13 – Cervantes. Autor de Dom Quixote. 14 – Maria, mãe de Jesus. Nas bodas de Caná por ocasião do primeiro milagre: a transformação em vinho de excelente qualidade, tinas dágua. 15 – São João Batista anunciando a vinda de Jesus Cristo. 16 – Trecho final de Morte e Vida Severina do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto. Severino e a mulher grávida percorrem o longo Pernambuco desde a divisa com Ceará em direção a Recife. Nessa caminhada só encontram desolação, miséria, seca e morte. Muitas mortes que geram emprego para carpideiras e recomendadores de defuntos. Depois de muito caminhar, abatido, desanimado, já em Recife, pensa em pular da ponte e da vida. É quando lhe chega a notícia do nascimento do filho cuja beleza e formosura são enaltecidas. É a vida respondendo com a própria vida.

OPERAÇÃO NO RIO : REAÇÕES ESTRÁBICAS


DANILO ZUCATO ROBERT

Durante uma das maiores operações policiais contra o crime organizado no Rio de Janeiro, a Uol relatou que houve aumento de 488% nas buscas pelo filme “Tropa de Elite” (2007). Esse movimento deveria, no mínimo, levantar certo espanto, centrado em uma questão crucial: por que, diante da tragédia real, o público se voltou para a ficção? Este comportamento não é trivial e sugere uma complexa interação entre a psicologia individual e o consumo de mídia. Uma análise inicial aponta para a busca legítima por compreensão. A realidade, muitas vezes apresentada de forma fragmentada e caótica pelo jornalismo factual, é difícil de assimilar. A ficção, por outro lado, oferece uma narrativa estruturada. “Tropa de Elite”, com seus personagens definidos, dilemas morais explícitos e uma linha narrativa clara sobre o combate ao crime, funciona como uma espécie de “lente” ou “manual” através do qual o público tenta decifrar e organizar o caos dos eventos similares reais. No entanto, nesta busca por sentido e compreensão, há algumas reações que podemos chamar de estrábicas, que não deixam de ser profundas e preocupantes. A primeira delas é a fuga da realidade. O evento real é traumático, incontrolável e

assustador. Ao buscar o filme, o espectador substitui a violência real, que vitimiza pessoas, pela violência ficcional, que é coreografada, “segura” e contida dentro da tela. Nessa realidade ficcional, o espectador tem a ilusão de controle: pode ‘retroceder, parar ou acelerar o tempo’ daquela violência, ou simplesmente desligar o evento. É um mecanismo de defesa que dá confortável sensação de controle, e que permite processar o tema da violência extrema a uma distância segura, onde a tragédia acontece apenas como ficção, ou seja, não faz parte da realidade da pessoa que assiste. Uma hipótese mais alarmante, entretanto, é a de uma reação dessensibilizada e apática. O que acontece se o público não está mais fugindo da realidade, mas sim deixando de distingui-la do entretenimento? A exposição contínua e massiva à violência, seja na mídia televisiva ou nas redes sociais, pode estar erodindo a sensibilidade coletiva, a empatia ou amor ao próximo. A metagoperação policial deixa de ser um evento trágico para se tornar como mais um episódio de uma série, ou como apenas mais um post no Instagram. O noticiário sério é passa a ser processado como entretenimento. A realidade é consumida como se fosse ficção. Vivemos em um tempo de “economia da atenção”, mediada por telas e abun-

dância de informação. As emoções existem, mas são voláteis. Como diria Byung-chul Han, filósofo sul-coreano: nas mídias não há tempo para o contemplar. Cada post é analisado e processado em segundos, e com isso treinamos nossos cérebros para sentir por segundos também. Podemos nos comover ou chorar com uma notícia trágica em um post, mas a interface digital nos condiciona a, segundos depois, “rolar a tela” para baixo e consumir um conteúdo de humor ou que traz prazer, por exemplo. O resultado é uma dissociação perigosa: a capacidade de sentir emoção momentânea permanece, mas a empatia — o amor ao próximo que exige uma conexão sustentada e uma ação ou reflexão real — se atrofia. A tragédia real espanta, mas não mobiliza; ela é apenas mais um item consumido e rapidamente esquecido. Nossa única (re)ação é o ‘curtir’ ou o comentar. O aumento nas buscas por “Tropa de Elite” não é apenas uma curiosidade estatística; é um sintoma de como hoje se processa o sofrimento alheio. Ele reflete uma mistura de busca por explicação, necessidade de fuga e, mais ainda, uma crescente apatia fomentada pela ‘cultura fast-food’, esvaziando o trágico de seu peso humano. Nos tempos dos jornais impressos, espanto, choque e náusea certamente demoravam mais.

FUNDAÇÃO CULTURAL “PASCOAL ANDRETA”
Lei Municipal que a declara de utilidade pública: nº 972/1984
Lei Estadual que a declara de utilidade pública: nº 15349/2004
Lei Federal que a declara de utilidade pública: Portaria nº 347/ DOU 15/02/2012
Cadastro na Secretaria de Estado da Cultura: nº 732
Rua da Saudade, 115 – Monte Sião - MG
CGC 17.414.632/0001-02



EDITAL DE CONVOCAÇÃO – 2ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 2025

O Presidente da Fundação Cultural “Pascoal Andreta”, Engº José Ayrton Labegalini, no uso de suas atribuições e poderes, devidamente conferidos pelo seu estatuto social averbado no Ofício de Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob Nº 20/02 do Livro A-007 em 15/09/2009 nesta Comarca, cumprindo os termos de seus artigos 15 e parágrafo 1º, 13, vem **CONVOCAR** os senhores Membros Natos Fundadores seus Diretores, seu Conselho Curador e Fiscal, juntamente com o I. Membro Ministério Público desta Comarca; e também o seu Advogado Dr. João Lúcio Genghini Júnior OAB/MG166.320, para realizarem a **SEGUNDA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA do ano de 2025 a ser instalada em 1ª (primeira) convocação às às 18:00h (dezoito horas) do dia 08 de dezembro de 2025**, na residência do Presidente da Fundação, sito na Chácara Verana, no Bairro do Rio das Pedras, nesta comarca de Monte Sião-MG, com a presença do número mínimo de 50% de seus integrantes, mais um, razão que, se não auferido o quórum qualificado no dia e hora determinados, fica desde já marcada a **2ª (segunda) convocação para mesmo dia, às 18:30h (dezoito e trinta horas)**, e no mesmo local e dia, quando será constituída com qualquer número de presentes, nos termos do parágrafo 1º do artigo 15, para deliberação dos seguintes assuntos:

A. Leitura e aprovação da Ata da 1ª Assembleia Geral Ordinária de 2025;

B. Dar a palavra a seu presidente e membros da diretoria, para que promovam a prestação de Contas sobre o andamento das atividades realizadas pela Entidade, no ano de 2025, (Registro das atividades Culturais);

C. Dar a palavra ao Sr. Presidente e Sr. Diretor Financeiro para prestarem contas sobre a execução do Plano de Trabalho de 2025 – Subvenção da Prefeitura; outros recursos e das contas privativas da Entidade; aporte de contribuições do empresariado e outras fontes de recursos.

D. Tratar das doações recebidas em 2025, Receitas da Bilheteria e prestar contas sobre destinação dos recursos na manutenção do museu, demonstrar saldo financeiro e reserva atual. Tratar dos recursos administrativos financeiros da Gerencia Executiva.

E. Dar a palavra ao Conselho Fiscal para ratificação e aprovação das contas apresentadas;

F. Seleção de projetos para compor o plano de trabalho e proposta de convênio com a Prefeitura; para o do ano de 2023;

G. Eleição e posse dos Conselheiros Temporários, Diretores e Fiscais, bem como dos Suplentes dos Conselhos para o triênio que se inicia em 01 de janeiro de 2026 e termina em 31 de dezembro 2028;

H. Dar a palavra aos Membros do Conselho Curador;


I. Agradecimento aos colaboradores

J. Tratar de outros assuntos por solicitação dos conselheiros ou por conveniência de seu presidente, que seja indicado para deliberação. (Palavra da Gerencia Executiva).


A publicação na imprensa local é dispensada conforme seu estatuto, sendo somente requisito; a afixação do presente edital em sua sede, bem como a notificação pessoal, ou por carta simples aos interessados; meio estatutário de comprovação sobre a presente convocação e chamado, para que surtam todos os efeitos de fato e de direito junto aos que estejam interessados, estão aqui devidamente convocados, ainda que no local e data e horário determinados, estejam ausentes.

(*) Havendo procuradores legais, esses deverão estar presentes 15 MINUTOS antes do início dos trabalhos, para validação de seus instrumentos de mandato junto ao Diretor Secretário da Fundação, ou a sua ordem.

Monte Sião, 01 de 11 de 2025




JOSÉ AYRTON LABEGALINI
Presidente da Fundação Cultural “Pascoal Andreta”




Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praíinha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000



Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico



Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS
35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE

DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

ENTRE CHAMPANHE E PERLAGE

PAULO FRANCO

Frida acordou de ressaca, mas feliz. A festa fora ótima, seu livro estava prestes a se transformar num best-seller e ela poderia se considerar uma escritora de sucesso. Munida de uma eloquência que desconhecia, comandou as rodas de conversas e recebia de volta elogios que acariciavam seu ego. Mas as cobranças também se fizeram presentes. E o próximo livro? Já tinha um projeto? Já começara a escrever?

Enquanto tomava um café curto e amargo, pensava nessas perguntas e pensou por dias.

O seu pensamento fluía, pairando aqui e ali em ideias, imagens, mas elas se dissipavam antes de se transformar num argumento para uma história.

Clamava às musas por um lampejo, mas abandonada pelas filhas de Mnemósine, era como se a sua inspiração fosse se oblitando até atingir um angustiante vazio.

Resolveu alhear-se do trabalho. Uns dias sozinha no campo, sem cobranças, talvez resolvesse aquele impasse. Alugou um chalé perfeito: aconchegante, da varanda frontal tinha uma linda vista para um vale e um pequeno lago. Passou o dia lendo, viu um magnífico pôr do sol e relaxou por muito tempo numa banheira com sais e óleos perfumados. Dormiu cedo e por muitas horas. No dia seguinte acordou animada e depois do café da manhã, considerou que uma caminhada seria perfeita. O dia estava claro, sol com quase ausência de nuvens e um vento brando e fresco. Mi-

rou-se no espelho: regata branca, bermuda de linho e tênis em tons de nude, um chapéu panambi de palha grossa bege com uma fita preta, óculos escuros Prada e uma pashmina de viscose em tom de açaí, displicentemente jogada nos ombros para se proteger da aragem. Concluiu que estava pronta para uma caminhada na Cote d’Azur ou na Sardenha. Riu do seu devaneio e saiu. Caminhou alguns minutos, seguiu por uma trilha e se deparou com um bosque de eucaliptos. Andou poucos metros e se deu conta que não havia caminhos, trilhas, só um grande tapete de folhas secas. Com medo de se perder e como não dispunha do fio de Ariadne, optou por sacrificar a pashmina e foi rasgando o tecido em tiras estreitas, que ia amarrando nos eucaliptos para marcar seu caminho e poder desfrutar do passeio sem se afligir. Caminhou por quase uma hora, resolveu voltar e buscou a tira de tecido roxo profundo. Achou-a sem dificuldade, assim como a segunda e a terceira. Vasculhou à sua volta, em busca da quarta fita, em vão. Só havia árvores por todos os lados. Caminhou a esmo e já começava a se desesperar quando ouviu risos. Apurou os ouvidos e se dirigiu para a direção de onde vinham as risadas. Encontrou uma família fazendo um piquenique. Enquanto o casal, rindo muito, se enrolava com a toalha e a cesta de comidas, um pouco afastada, sentada numa pedra grande, uma adolescente de cara amarrada, deixava claro que não estava feliz ali, que não fazia parte daquele convívio, daquele lugar, quicá daquele

planeta. Dois meninos menores, brincavam com um cachorrinho, improvisando uma coleira feita de tiras cor de açaí. Frida se aproximou, contou sua pequena epopeia, riram muito e, de posse das informações que a conduziriam de volta à estrada, deixou a família, não sem antes pensar que aquela mãe era a pura definição do amor. Amor pelo marido, pelos meninos e igualmente pela filha mal humorada.

De volta ao pequeno chalé, uma mensagem com um convite para uma festa no fim de semana. Ela fora indicada para um importante prêmio pelo seu livro.

Voltou para casa na véspera da premiação. No dia seguinte, bem antes do horário de sair, já tinha se vestido, se maquiado e se perfumado. Estava pronta! Olhou-se no espelho e gostou muito do que viu. Estonteante, mas ainda tensa. Pensou que uma taça de champanhe lhe faria bem. Abriu o champanhe, encheu uma flute, que transbordou quase manchando seu vestido novo. Olhava absorta para a taça à sua frente pensando num brinde, quando descobriu no perlage o início da sua história. Olhando para as minúsculas pérolas, teve uma epifania. Se depa-rou com uma lembrança, idealizou um enredo e a forma como iria narrar aquela história. Anotou para não esquecer:

“O casal anfitrião felizes, a adolescente emburrada olhando pela janela, o cachorro, os meninos correndo pela sala e o primeiro champanhe ainda borbulhava nas taças dos convidados, quando aconteceu a tragédia...”

8

verdadeiramente possui um amigo sabe da singularidade de seu valor, e isso ocorre desde tempos longínquos, vide a obra de Plutarco (em: “Como Distinguir um Bajulador de um Amigo” ou “Da Abundância de Amigos”).

Sequencialmente, Lewis nos brinda com o amor “Eros”, ou seja, o amor romântico, apaixonado e não meramente sexual, mas também o englobando, razão esta de ter encontrado diversos entraves à época da publicação do texto, justamente pelo tratamento deste ponto. Momento de tão pujante intimidade demanda um vínculo sólido e profundo, razão pela qual, tão rapidamente o sucede o amor “Agape”.

Este último é o amor transcendental, metafísico e, na obra de Lewis, decorrente do divino. Amor desmedido e incondicionado, livre das amarras do mundano, não uma veneração do amor em si, mas um derivado daquilo que deste advém. Curiosamente, o único ato humano capaz de reunir esses quatro amores é o casamento, nele encontramos a constituição de uma nova família; da amizade entre os consortes (ao menos de maneira pressuposta, dado que, em tese, casamentos não mais são impostos ou arrançados em nosso país); do amor romântico e que está arvorado no transcendental.

Decidi escrever sobre este tema por uma razão muito particular, aquela

DURVAL TAVARES

No caminho de volta de Ouro Fino a Manguá tem um belo monte. Vejamos o que diz o Parmiro sobre sua volta à cidade que adotou e o adotou.

“Chegamos em Monte Sião mais quebrados do que os pedregulhos da estrada. Após merecida noite de sono, abriu-se aos nossos olhos um domingo ensolarado.

A primeira missão, sem sombra de dúvida, seria participar do coral do santuário no decorrer da primeira missa do dia. Satisfação e alegria. Felizmente, a rouquidão da Ema, adquirida à beira da estrada, não a incomodava mais. Minha flauta e minha batuta não falharam e, modestia à parte, nos saímos muito bem com alguns cânticos natalinos.

O dia prometia ser longo, talvez não longo o suficiente para desejar Feliz Natal a todos, exatamente porque um dedo de prosa toma tempo. Fariamos o possível para cumprimentar um a um. Na parte da manhã fomos à casa do Ivan e da Ivone para um bom papo, inclusive com o João Gibão que também e tão bem ali estava. Antes de sair, um delicioso cafezinho nos foi servido. Corremos para um ciao e ciao à família dos Genghini e encontramos o Tião ligado na Rádio Minas Sertaneja a ouvir Tonico e Tinoco e do Zico e Zeca. Saída à francesa após uma verdadeira festa de divinos: o divino cafezinho da Divina Dona Cacilda servido com divinos pães

que coroa o título, o fato de estar celebrando oito anos de casamento no corrente mês de novembro de 2025. Momento no qual aproveito a oportunidade para agradecer à minha esposa por tanto e por ter demonstrado cabalmente a necessidade anímica desta união, por sempre ter me entusiasmado, estimulado e catapultado; por ser verdadeira parceira de vida, responsável por materializar o que na era do engodo da obsolescência do outro, oportuniza a verdadeira valorização de construir a vida em conjunto, de se fazer um com dois; por ter sedimentado a minha afirmação na provocação de Nietzsche decorrente do eterno retorno, que aproveito para estender aos nossos leitores: se fossem submetidos a retornar perpetuamente às suas vidas, mas sem possibilidade de qualquer alteração, seria tal proposição uma maldição ou uma dádiva?

Sem medo de errar, sei que minha esposa propicia uma existência rica e singular à minha, sendo eu dotado da esperança de a minha ser capaz de realizar o mesmo. Uma singela homenagem e loa a todos aqueles que ou sam compartilhar suas existências com outrem para que se tornem um só. Ainda mais no tempo do hedonismo contemporâneo, não vislumbrar o próximo como um produto passível de céleres descarte e substituição parece ser um ato de resistência.

O NATAL BATE À PORTA

de queijo. Visitamos ainda a Dona Adalgiza e seu marido Tonico e, para variar, consumir um saboroso café com o Canela. Na casa da Dona Gi, além do café, nos foram servidos alguns doces cristalizados à luz e calor do sol. Ah! Sol lá si dó ré mi fa sol feliz (tudo dito num dialeto e sotaque mineiros). No casarão dos Moterani, encontramos o Romildo Labigalini ensaiando clarinete, em pleno domingo, com o Professor Pascoal Andreta. Um sonoro cafezinho antes da partida. E o dia correu rápido com visitas aqui, ali, lá e acolá. Nem todo mundo foi encontrado, alguns tinham saído rumo ao Morro Pelado, outros foram pescar lá na Lagoa Dourada e outros tantos estavam em outros cantos das Terras de Cantare. Os penúltimos localizados foram o Mário Zucato, político sempre ocupado, e o Padre João Batista de partida para Bueno Brandão, convidado que fora para um batismo. Mais alguns abençoados cafezinhos nos foram servidos. Os últimos com quem estivemos foram Zé Ayrton e o promotor Antonio Marcello da Silva(*). Enquanto o jovem Zé já era nosso velho conhecido, o Dr. Marcello nos foi apresentado naquele momento e, sem sombra de dúvidas, deixou excelente impressão. A conversa seguiu em nível elevado e sabíamos que ali nada de desafinar. Nessa rápida passagem soubemos da importância do Dr. Marcello para a cidade que guardava no coração, tan-

to que fora agraciado, por exemplo, com a réplica gravada em metal da capa da primeira edição deste jornal (15/01/1958), fundador que é do periódico. Conversávamos na rua e, para não destoar, os convidamos para um cafezinho na Lanchonete Anos 60. O certo é que, num só dia, o número de cafezinhos consumidos superou o número de minhas assinaturas no livro da matriz de Ouro Fino “a pedido” do Padre Alcino.

A todos agradecemos e convidamos a visitar Manguá, sem necessidade de avisar. Deixamos um “mapinha”, porque Manguá ainda não consta dos guias oficiais. Bem, antes de fechar o dia, nos lançamos às compras nas diversas malharias e na Porcelana Monte Sião. Tudo azul, fechamos o dia no vermelho. Na manhã seguinte seguimos a caminho da casa de onde iniciamos a longa jornada. Saudade de Manguá e, agora, ao partir, também dos locais onde fomos bem acolhidos.

Dia 24 de dezembro de 1962, 6h, pé na estrada, já mais sem antes abastecer o Nash.

Viajar sem a terrível dor de consciência. Simbora! Arrivederci Monte Sião!”

(*) Dr. Marcello, nascido em Cabo Verde, MG, no dia 16 de janeiro de 1931, fez história por onde passou e, no último dia 31 de outubro, resolveu alçar novos voos. Será sempre lembrado como um cidadão abençoado.

Ciao.

PALAVRAS

J. CARLOS GROSSI

Concluiu: adoecido de palavras, já não transmito sentimentos. As palavras estão cansadas, envelhecidas, contaminadas de aca-sos. As pessoas as usam despropositadamente, aleatoriamente, em todo lugar. E quando as escrevo tornam-se banais, mesmo que as tenha encontrado em romances profundos e poemas de encantos. Já não escrevo em volúpias. Escrevo porque me é necessário escrever. Pois meu escrever sou a conversar com a alma. A minha e a das coisas.

E foi-se embora sem esperar que eu dissesse algo. Sabíamos que seria impossível que o convencesse com minhas observações mentirosas, psicológicas, de agrado. E, pensando bem, quais palavras usaria ao poeta que já

havia navegado por todas, perdendo-se nos temporais dos sentimentos? Quais teriam conservado a nobre essência que o confortasse?

Hoje o poema que escrevia ficou pela metade. Não haveria como terminá-lo com intenso sentimento. Percebia que também para mim as palavras haviam se perdido nas invisibilidades, tornadas frias e opacas.

Como posso mandar um beijo se beijo se dá a qualquer um? Dizer te amo se todos dizem te amo para qualquer coisa? Sentia que também havia adoecido a procurar minha verdadeira voz pois todas as palavras se tornavam inúteis.

Voltei ao poema, deveria terminá-lo. Já mais me desobrigarei de meu ofício poético.

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

**ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS**
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

II EDIÇÃO DA SEMANA AFRO, EM MONTE SIÃO

L. A. GENGHINI

Dia 8 de novembro de 2025, um sábado bastante chuvoso, parti de São Paulo, logo cedo, rumo a Monte Sião, com três objetivos: passar pelo boulevard da Praça Pref. Mário Zucato para assistir um pouco da animação e do show empolgante do pessoal da Capoeira, capitaneada pelo Mestre Jamaica, a quem só muito recentemente tive o prazer de conhecer, depois seguir para a Chácara São Sebastião, no bairro do Tanque, para mais um encontro apaixonado dos torcedores fanáticos do Palmeiras; à tarde, visitar minha mãezinha e minha irmã e depois ir pernoitar no sítio do Bairro dos Farias, já perto de Ouro Fino. Programação puxada para um dia só.

Cheguei ao local onde se realizava a II Semana Afro, cujo objetivo, segundo Mestre Jamaica, é promover o intercâmbio cultural regional (já está

muito além da região), abrir espaço para exposições artísticas, como artesanato e pintura, onde tivemos a honra de conhecer a pintora e artesã Beatriz Nascimento (@beatriznascimento), paulistana radicada em Bueno Brandão, e seu painel de uns 3mx1m, lindo.

Durante a prosa com Mestre Jamaica, conhecemos também Mestre Alexandre Feijão, de Jundiá e Mestre Lito, de São Paulo. Fomos informados de que havia representações de rodas de capoeira de Jacutinga, Itapira, Louveira, Jundiá, Campinas, Bueno Brandão, Osasco, São Paulo e Itapevi, perfeitamente integrados, jogando capoeira, cantando os temas e revezando as duplas numa animação contagiante.

Como Mestre Jamaica chegou em Monte Sião lá pelos anos 80, nós já estávamos em São Paulo, assistindo de longe. Jamaica foi chegando e ficando, criando raiz,

jogando sua capoeira, soando seu berimbau... até que, Monte Sião, que não tinha a capoeira entre as opções de esporte, começou a frequentar o seu incipiente espaço que foi crescendo como semente em terra fértil.

A respeito da população afro no município de Monte Sião, consta que sempre foi muito pequena, sendo possível, inclusive, elencar a maioria delas, apenas consultando a memória. Na zona rural, algumas poucas famílias estiveram por aqui desde sempre como é o caso da família do Angelino Carreiro, pai do saudoso Lázaro e do Amadeu, avô do Pelé, grande cozinheiro!; do sr. Guilhermino, que gostava do contar causos do império, pai do Cidão e de umas moças simpáticas e risonhas, com quem trabalhamos juntos nas lavouras de tomate dos Izumi. Os Emídios, lá das bandas da Lagoa Dourada, grandes folgazes e sanfoneiros, que aos domingos alegravam a Rádio Cultura. A D. Manuela, avó de nosso amigo Paulo, benzedeira, alta, esbelta, com a saia arrastando ao chão, suave no falar e grave no dizer e, segundo o Paulo, amante de um arrasta-pé. D. Manuela foi ao Norte do Paraná, com a família. Na cidade, tivemos muitas contribuições de

policiais e agentes do estado que vinham transferidos para cá e muitos fixaram residências para sempre: Gabriel soldado, que tinha filhos bons de bola, os irmãos Manoel e Vito, soldados, sendo que o Manuel se tornou um respeitado advogado na cidade, vindo a receber o título honorário de cidadão Monte-Sionense e do Vito, cujas filhas brilham com um conjunto de capela cantando MPB denominado “A Quatro Vozes” (https://pordosom.com.br/aquatrozesshow/ - a quem ouço enquanto escrevo), do Joaquim soldado, eterno goleiro, acho que do time do Tanque, do Carmino, cujos filhos Benino, Dinarte, e Jurandir, e outros, e netos ainda estão firmes em Monte Sião. Tinha, também, o Zé Gradim, pai de nossos colegas Luzia, Hélio, Maurício, Cunha e Cláudio. Lá de Careacú, vieram junto com a família do Oscar Donha a Maria Preta e o Zé Preto. Durante o processo de asfaltamento da estrada da Virtuosa, veio uma família com prole numerosa, cujos nomes não me lembro, mas tinha duas moças, um rapaz que já jogava bola com a gente e mais uns pequeninos. Nesta época, também, vieram os pais do Vivi, que marcou época como

goleiro, em Monte Sião, e seus irmãos, Paulo e Joel, que dividiram os bancos escolares conosco. Tinha o Virgilhão, alto e encurvado, com suas sandálias de couro cru improvisadas e, especialmente, tinha o Chico Preto, que como me informam o Arioaldo Guireli e o Romildo Labigalini, também, era conhecido como “Beto Fuscão” em alusão ao, então, jogador do Palmeiras, sempre com seu característico lenço no pescoço, retireiro do sítio do Carlos Pennacchi, às margens da cidade, que era o bom humor e a felicidade em forma de gente. Nunca vi o Chico Preto triste, estava sempre falando alguma coisa engraçada, fala alta como era seu estilo, marcante, dava seu recado e já ia saindo.

No entanto, todos os citados, esparsos pela cidade, vindo de regiões diferentes e focados apenas no trabalho e nos afazeres familiares, no tempo que a música e a capoeira ainda eram vistas como vadiagem, não conseguiram, e, talvez, nem tentaram qualquer possibilidade de associação ou movimento cultural.

A primeira manifestação cultural, consolidada, de conotação afro, veio acontecer em Monte Sião, entre as décadas dos 60 e

70, capitaneadas por um filho de italianos, o Henrique Genghini, que às suas expensas e risco formou um grupo de Congada. Era tão mambembe, tão improvisado e, provavelmente, tão pouco ensaiado, que ao sair nos desfiles de carnaval acabava tirando risos da plateia. Hoje sabemos que o Rico Genghini estava marcando um momento de pioneirismo ao incluir no calendário cultural da cidade a primeira manifestação da cultura afro, mesmo que, com mínima participação dos negros que habitavam a cidade.

Anos depois, sob um surto de desenvolvimento produzido pela industrialização da malharia e dos bons resultados no agronegócio, a cidade começou a receber um fluxo maior de migrantes, alguns já iniciados em suas manifestações raízes, possibilitando a diversificação do movimento cultural da comunidade.

Foi nessa leva que chegou, lá pelos anos 80, o mestre Jamaica, para contar sua própria história, treinando jovens e adultos na arte de jogar capoeira, inclusive, o alunado da APAE-Monte Sião.

Paranauê, Paraná; Paranauê, Paraná!

Até qualquer hora, pessoal!

A PROCISSÃO E A FUGA

A procissão estava percorrendo nossas ruas Com a imagem milagrosa de Nossa Senhora A noite estava estrelada e com o clarão da lua Quando um triste fato aconteceu naquela hora

Eram dois jovens motociclistas Que estavam fugindo da Polícia Militar De Águas de Lindóia cidade paulista E em Monte Sião Minas Gerais foram parar

Acelerando suas motocas no centro da cidade Que naquele local estava passando a procissão Não respeitaram o solene ato sacro com a [velocidade E também não respeitando nossa Monte Sião

O acontecimento até que poderia dar um conto Ao unir o trágico o mágico e o perigoso Ainda bem que eles não se machucaram tanto Naquele ato insensato e inescrupuloso

E continuando a leitura do Danilo Zucato Pudemos encontrar o tema do Poderoso Chefão Naquela fatídica cena de Corleone nato Da Máfia Italiana um dos filmes muito bom

Entendemos que os meninos da moto são [direcionados Para as atualidades marcantes das [modernidades Não deixam de ser induzidos e comandados Por mecanismos vendidos para a mocidade

Mas aquela cena da procissão passando Pelas ruas da nossa catita Monte Sião Nos deixa pensativos e matutando Pois o fato tornou-se uma péssima situação

Mas o ato na real jamais deveria ter acontecido Ainda mais com uma sagrada procissão Com fiéis contritos e rezando enternecidos Carregando a padroeira de Monte Sião

(Lendo a crônica de Danilo Zucato Robert, publicada no Monte Sião, edição de fevereiro de 2025)

Arlindo Bellini

ARIOVALDO GUIRELI

Se dezembro vier haverá festas?! A mesa será posta ao anoitecer com o suor do trabalho e se lembrará das lojas enfeitadas de papais-noéis vazios e coloridos. Se dezembro vier quererei meninos palestinos em terras comuns onde nascerão homens de boa vontade e mulheres que varram para longe a estupidez das guerras. Se dezembro vier não estarei de braços abertos para sorrisos sob medidas acompanhados de orações vazias e repetidas, pois queremos o pão nas mesas da criança faminta e a paz alargando avenidas sem o ruído das máquinas que esmagam os sonhos e aprisionam a boca da verdade. Se dezembro vier que não haja interesse pelas bolsas de valores viciadas como políticos sem ética que nunca adentraram Vidigal, Alto da Serra, Alemão...antes quero o cheiro de manhãs abençoadas pelas avós que cedo pedem, em orações, aos santos anjos. Se dezembro vier quero o recomeço da alegria reconhecido no direito da justiça de beber o café com leite feito antes do alvorecer. Se dezembro vier que eu não me perca em palavras e gestos obscenos onde Deus se cala envergonhado. E não comungarei pela bíblia

dos que a professam por medo. Se dezembro vier quero semear jardins e saudades de violões ao luar. Se dezembro vier não quero o cinismo das gravatas nos subterrâneos acordos onde se negam esperanças. Visa-se somente o capitalismo sórdido das contas ban-

cárias. Se dezembro vier quero viver do jeito, sem jeito, como me encontro, na mesma pele enrugada prenhe de histórias e com a velhice coerente. Se dezembro vier não me empanturrarei dos panetões como brindes para agradar o que se escravizou o ano todo. Não acei-

tarei bônus de falsas bebidas tinindo em taças. Se dezembro vier que a fé seja a porta, a janela e as boas ações repartidas em mãos que desejam dias melhores como as estradas que rumam silentes além das pontes na inelutável memória humana. Assim seja!



Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praínha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE

DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

A ODISSEIA DE ULISSES

MATHEUS ZUCATO

Quando Apolo percebeu o dom de contar histórias do poeta errante, cegou Homero para que ele desenvolvesse sua visão interior.

Há alguns dias terminei de ler a “Odisseia”, obra basilar da cultura ocidental. A epopeia me encantou ainda mais que a Ilíada, também atribuída ao (mítico) autor Homero. Digo “mítico” pois quase nada se sabe sobre o poeta, e há quem diga que ele sequer existiu e o nome se tratava de pseudônimo de um grupo de autores da Grécia Antiga.

A Odisseia, datada de cerca de 700 a.C., chega a nós como um livro inesgotável: vemos, a princípio, os caminhos percorridos por um homem que volta da Guerra de Troia (pano de fundo da Ilíada), enfrentando pelo trajeto perigos e provações. A casa de Odisseu (também chamado de Ulisses, no latim), é Ítaca, onde é rei, uma cidade-Estado insular grega. Lá, onde já se dizia

que Odisseu havia perdido a vida no percurso da volta da guerra, inúmeros pretendentes aguardam a decisão de Penélope (rainha de Ítaca) de qual deles ela irá desposar, visto que se encontra viúva. Penélope promete decidir que terminar de tecer uma mortalha para o seu sogro, Laerte, como último dever de nora. No entanto, ela tece o pano de dia e pela noite o desfia, postergando assim o veredito. Não me atrevo a contar o final (já muito conhecido) da história, mas toda ela é digna dos melhores filmes ou livros de aventura de nossos tempos.

Ok, falamos da primeira camada da Odisseia, uma história de aventuras. Grandes obras, no entanto, são aquelas que apresentam várias camadas de significado. E os clássicos, como categorizou Italo Calvino, são aqueles livros que nunca terminam de dizer o que tem a dizer, e assim resistem ao tempo. Adiciona: clássico é um livro que, independente de quando é lido, trata do

tempo que o lê.

Odisseu é um herói por excelência: ardiloso até os ossos, carismático até com os deuses. Seus recursos não são apenas a astúcia e a espada, mas a cautela, a criatividade, a fidelidade e compreensão rápida de uma situação. Porém, suas conquistas e renome desenvolvem nele um orgulho desnoriente. E aí percebemos outra camada do texto: a jornada daquele que subiu muito alto com as asas da vaidade somente para cair até o fundo do mar das desgraças. E, ao analisarmos essa camada, Ítaca (o lar) é o que conecta o homem ao seu Ser espiritual, essencial. O mar, as provações, as conquistas, são o que afastam Odisseu de sua essência espiritual (Ítaca).

Dessa forma, a jornada de Ulisses é a ascensão, queda e redenção do arquétipo do personagem -herói. É também é um mosaico de ilhas que espelham os cantos obscuros da alma humana e do que precisamos para vencer nossos desafios. Na caver-

na de Polifemo, o cíclope, não há apenas violência primitiva: é território onde a astúcia substitui a força, e onde Odisseu, ao dizer ao monstro que seu nome é “Ninguém”, abre mão da identidade que o sustenta (abandonando também o orgulho e vaidade vinculados a sua fama). Quando, mais tarde, reivindica seu nome, paga o preço do orgulho — a viagem inteira será a consequência desse ato.

Na ilha de Circe o perigo é mais sutil. A transformação dos homens em porcos é metáfora do abandono da forma humana quando o conforto se impõe. Ali, a tentação não é o medo, mas a demora: um repouso adocicado ameaça dissolver o propósito de voltar para casa. Odisseu só parte quando percebe que o tempo imóvel também pode ser uma prisão.

O episódio das sereias (símbolo do que é mundano, prazeroso, e que nos puxa para o abismo) é a imagem mais clara do poema: o impulso de de-

leitar-se com o que pode destruir. Odisseu quer escutar o canto das sereias, mesmo sabendo do risco. Aqui ele representa o homem que tenta conciliar experiência e parcimônia. Ele se amarra ao mastro do navio (símbolo da estabilidade e conexão espiritual do homem que navega o mundo) e assim passa incólume pela prova.

A descida ao reino dos mortos é inquietante. Não há monstros, mas o confronto com o que passou. Ulisses encontra sombras que falam de feitos e glórias inúteis; essa descida é extremamente necessária para o seu retorno. Ninguém volta para casa sem primeiro encarar o peso do que existe em seu submundo.

Outras aventuras poderíamos analisar, como por exemplo a ilha dos comedores da flor de lótus — deliciosas, porém causadora de esquecimento: simbolismo mais óbvio do que é deleitoso que nos faz esquecer da dimensão espiritual e essencial de nós mesmos —, mas

cabe concluirmos o texto com o pensamento de que cada ilha visitada funciona como uma pequena deformação do próprio Odisseu; um convite a desvios de quem se é. Conforme tenta avançar em direção a Ítaca, ela parece ficar mais longe. Por isso o poema insiste na ideia do retorno como desafio, não como destino. Voltar exige dizer “não” a cada encantamento, a cada pausa confortável, a cada voz que promete descanso antes da hora.

No fim, o herói que chega a sua ilha não é o mesmo que partiu; é alguém depurado pelas perdas, menos orgulhoso, mais atento. A Odisseia, assim, deixa de ser apenas um relato de aventura e se torna a história de todo homem que precisa atravessar o mundo (e a si mesmo) para reaprender quem é. Homero, cego para o mundo das frivolidades materiais — este que nos desvia de nossa Ítaca — mostra que o verdadeiro caminho deve ser trilhado com a luz que dissipa as sombras incubadas dentro de nós.

QUERER OU PREFERIR?

LEONARDO ABEGALINI

A cafeteria estava tranquila naquela manhã. Téo chegou cabisbaixo, arrastando a cadeira antes de sentar-se. O Líder Inspirador percebeu o desânimo no olhar e perguntou com um sorriso leve:

— Que foi, Téo? Essa cara de segunda-feira em plena quinta?

Téo suspirou. — Ah, Líder... nada está saindo do jeito que eu quero. As coisas no trabalho andam travadas, em casa também... parece que o mundo resolveu me contrariar.

O Líder mexeu o café devagar, observando a fumaça subir.

— Interessante isso que você disse, Téo. “Nada está saindo do jeito que eu que-

ro.” Posso te fazer uma pergunta?

— Claro — respondeu Téo.

— E se o problema não for o que está acontecendo... mas sim o querer?

Téo franziu a testa, sem entender.

— Como assim?

— É que tem uma diferença grande entre querer e preferir, Téo. — O Líder apoiou o cotovelo na mesa. — Quando você quer, você cria uma exigência: “precisa ser assim”. E se não for, vem a frustração, a raiva, o sofrimento. Mas quando você prefere, você continua tendo vontade, mas aceita que a vida nem sempre vai seguir o seu roteiro.

Téo ficou em silêncio, pensativo.

— Então você tá dizendo que o sofrimento vem do

querer demais?

— Exatamente. — respondeu o Líder. — O querer carrega apego. Ele faz a gente achar que tudo deveria acontecer como imaginamos. Só que a vida tem o jeito dela, e as pessoas também. Quando você troca o “eu quero que seja assim” por “eu prefiro que seja assim”, você abre espaço para aceitar, se adaptar e seguir leve.

Téo deu uma risadinha sem graça.

— Acho que estou preso nesse “querer”. Quero que minha equipe pense como eu, quero que as pessoas ajam como eu faria, quero que os resultados venham no meu tempo.

O Líder sorriu. — É... e enquanto isso, você vai colecionando decepções. Porque o mundo

não cabe dentro das nossas expectativas, Téo. Cada pessoa tem suas próprias lentes, suas necessidades, seus motivos. A maturidade vem quando aprendemos a respeitar isso.

Ele fez uma pausa e acrescentou:

— Olha, não estou dizendo para você deixar de ter sonhos ou parar de buscar o que deseja. O ponto é aprender a soltar o controle. Preferir é continuar desejando, mas com liberdade. É como dizer: “Eu prefiro que seja assim... mas se não for, tudo bem. Eu confio no processo.”

Téo ficou olhando para o café, que já esfriava.

— E como é que faz para mudar esse “chip”? Porque a gente cresce ouvindo que tem que querer, lutar, conquistar...

— Boa pergunta. — disse o Líder. — O primeiro passo é perceber quando o querer está te fazendo sofrer. Quando perceber, respira fundo e troca por um “prefiro”. Parece simples, mas muda tudo.

— Por exemplo... — Téo pensou em voz alta — “Eu quero que minha equipe me entenda.” Aí eu troco por “Eu prefiro que minha equipe me entenda.”

— Isso. — confirmou o Líder. — E, nesse momento, você tira o peso da exigência e ganha espaço para agir com serenidade. Você continua tentando, mas sem se machucar quando não sai como esperava.

Téo sorriu de leve. — Então o segredo é preferir sem se apegar. — É. — respondeu o Líder. — Quando você prefe-

re, você mostra o seu jeito, o seu gosto, o seu desejo. Mas também demonstra sabedoria para entender que a vida tem vontade própria.

Os dois ficaram em silêncio por um instante. Lá fora, o vento balançava as folhas das árvores.

O Líder finalizou com um tom sereno:

— A gente sofre quando tenta controlar o incontrollável, Téo. Mas quando entende que cada um está no seu tempo e que nem tudo depende da gente, o coração fica leve. E a leveza é o solo onde floresce a paz.

Téo respirou fundo, sentindo que algo dentro dele se acomodava.

— Acho que hoje eu prefiro aceitar o que vier...

O Líder riu, satisfeito. — Viu só? A vida já começou a ficar mais leve.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

CONHECEU, PAPUDO!

ILSON MARIANO

Sabe ali na Rua da Cata, onde tem o Bar do Osmar?... Não sabe quem é o Osmar ou o

Bar dele?... Nem acredito no que você está falando! Difícil aqui em Ouro Fino quem não conhece o Bar do Osmar. É quase no fim da rua Treze, na es-

quina lá no fim da Cata, na primeira esquina antes da rua que desce pros Junqueiras. Pra dizer melhor, é na esquina da rua da Cata com aquela que desce da sauna do Montanhês. Caiu a ficha agora? Pois é, o Osmar é que é o dono daquele barzinho de esquina, com uma só porta de aço, onde vende uma cerveja trincando de gelada, onde a pinga é da boa e servida de montoeira, e o torresmo é pururuca d’um tanto de estralar na boca ou quebrar os dentes de quem não é bom de cremalheira. Como a freguesia do bar é cativa, freguês de caderneta é em sua maioria pescador do Mogi, vez em quando aparece na vitrine uma pratada de lambaris fritos, cuja gostosura acervejada faz com que desapareça num

estalo; bobeou ficou na saudade, e aí, só na próxima 4ª feira, quando o Osmar fecha o boteco, pega o Corcel D-20 e sai pra visitar as barrancas do Mogi pra desanuviar a alma fisingando lambaris do rabo amarelo; aí pode ser que tenha de novo. A dar risadas de contentamento numa prosa boa pra contar a um e outro e, uma gozação na ponta da língua pra desabusar os atrevidos.

Então um dia, entrei lá no bar que já estava vazando nego pelo ladrão. O Guissé tomava coinhaque e falava com seu vozeirão dessa grossura do Josino. O Leitinho, esparramado na banqueta junto ao balcão, meia-va a 2ª cerveja papeando com o Nei Borracheiro, falando da nova praça do Dr. Burzinha.

O Neginho do Zuza - feito dono do estabelecimento - já estava pra dentro do balcão, fuçando a vitrine pra pegar mais torresmo e reclamando que aquela porcaria além de ruim era cara. Tudo pra encher o saco do Osmar. Gente chegando e saindo e o vendeiro mal tendo tempo de atender a todo mundo.

Eu - em posição de halterocopista - notei que na parede, ao lado do emblema do Corinthians - Timão - estava dependurada uma gaiola com dois canários; bonitos por sinal. Um deles cantava que era um mundo; o outro -entanguido- não dava um pio. Sem entender coisa alguma de passarinho, pensei comigo: - tá mudando as penas.

Quando o movimento do bar deu uma afrouxa-

da, quietou e deu folga ao Osmar, ele chegou pra perto e ficamos a bater papo, jogando conversa fora, e para provocá-lo eu cutucava: - Aqui é um ponto bom pra um bar, você deveria pensar nisso! O Osmar nem aí.

Então, quando a conversa mudou de rumo, eu perguntei-lhe sobre os canários.

Tão aí pra vender. O cantador custa cem e o outro, duzentos.

Eu - muito tonto - argumentei que o preço estava errado, pois o canário cantador é que valeria mais.

O Osmar - sorrindo da vitória - tapou-me a boca com a resposta: - o cantador vale só cem, o mudo vale mais porque é o compositor das músicas!

Êta, Osmar “ordenário”!

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Danilo Zucato Robert, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores–Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva (*in memorian*), Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ilson João Mariano Silva (*in memorian*), Ivan Mariano Silva (*in memorian*), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (*in memorian*), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Lucas Provenzano, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (*in memorian*), Valdo Resende e Zeza Amaral (*in memorian*), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.



**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG



ANIVERSARIANTES DO MÊS

Dezembro de 2025

Dia 01	Dia 16
Giuliano Guarini	Franciele Silva Tozetti
Luíza Ribeiro Labegalini	Elisângela C. Marinas Machado
Dia 02	Dia 17
José Oscar Guirelli	Luís Henrique Comune da Costa
Sara da Costa Pereira Bueno	Elenita Borges de Queiróz
Maria Inês R. Machado	Diego Durante Pennacchi
Laura Ortega de Almeida	Eloísa Corsi Faraco
Dia 03	Dia 18
Denise D. Parreira de Lima	Aparecida de C. Canela
Dia 04	Dia 19
Ronald Jacomassi Augusto	Lívia Bernardi Lopes
Charles Simões Cardoso	Antonio A. Diniz Filho
Maria Helena Vilela	Dia 20
Diogo Labegalini de Castro	Valéria C. Ribeiro Silva
Dia 05	Dia 21
Adolfo Henrique de O. Simões	Ana Paula Comune
Dia 06	Dia 22
Jéssica Monteiro	Magali Tavares Paes
Larissa Luíza Pereira	André Monteiro Schillittler
Paulo Luciano Bernardi	Maria Inês Lopes Mussi
Dia 07	Dia 23
Paulo Bitencourt	Eugênia C. Monteiro
Rosana Ap. Vilela Bueno	Geni Francisca Azevedo
Adriana Costa Trindade	Dia 24
Viviane Almeida	Fabiéli Bortoloti Faria
Dia 08	Dia 25
Edson Arlindo Reginato	Michaela de Souza Bueno
Dia 09	Dia 26
Lourdes de Souza Artuso	Fernando Henrique T. Araújo
Ricardo U. Rodrigues	Silvana Ap. B. de Andrade
Silmara Ap. Righete	Conceição Ap. Pereira
Dia 10	Dia 27
Ricardo José Grossi	Telma B. Castro Ribeiro
André Luiz Faraco	Natalina Campos Freire
Rômulo Cardoso do Carmo	Dia 28
Dia 11	Dia 29
Mariângela Ambrósio	Amanda Emerick de Souza
Dia 12	Dia 30
Ana Paula da Silva Oliveira	Carlos A. S. da Silva
Marcela Benedette Comune	Thamara Cristina O. Gomes
Rosana Aparecida Bueno	Cleusa S. M. Monteiro
Tatiane Vilela Faria	Dia 31
Lúcia de Fátima A Ribeiro	Antonio C. da Silva
Laércio de Souza Moraes	Cyntia Viegas Brunialti
Dia 13	Dia 01
Adriano Ferraz de Araújo	Teresa Vitoriano Queirós
Dia 14	Dia 02
Henrique Rielí Dematei	Aparecida Landini
Dia 15	Dia 03
Isac Faria Dorta	Viviani da Costa
Pedro C. Ribeiro Martins	Dia 04
Renata Monteiro	Edivalson Corsi
Ilacir Righete	Luíza B. de Castro Ribeiro
Fernanda Righete	Dia 05
	Dia 06
	Dia 07
	Dia 08
	Dia 09
	Dia 10
	Dia 11
	Dia 12

A todos, as felicitações da Redação!

ADEUS, DR. MARCELLO!

Em 31/10/2025, Dr. Antonio Marcello da Silva, fundador deste mensário, aos 94 anos de idade, despediu-se de nosso convívio e seguiu para o “andar de cima”, em paz e cercado de carinho e atenção pela esposa D. Sônia e pela filha, professora Fabiana, e amigos da vida. Que sua passagem tenha sido tranquila e seu acolhimento se dê em paz, como bem mereceu, pela sua vida exemplar e sua obra marcante. Monte Sião tem uma eterna dívida de honra para com o Dr. Marcello, o jovem promotor de postura disruptiva que mudou os rumos socioculturais da cidade. Que venham outros assim! Amém.

XII CONCURSO DE FOTOGRAFIAS “CARMO TEODORO GONÇALVES”.

Mais uma vez, o CIB- Círculo Ítalo-Brasileiro de Monte Sião se reuniu no auditório e nas dependências do Colégio Monte-Sionense, em 01/11/2025, às 20 horas, para a premiação dos vencedores e anúncio dos classificados no XII Concurso de Fotografias “Carmo Teodoro Gonçalves”, cujo tema foi “Reflexos”. Na oportunidade o Sr. José Ayrton Labegalini, presidente da Fundação Cultural Pascoal Andreta, fez a abertura do evento e, brevemente, expôs as diversas frentes de atuação da FCPA e suas principais realizações. Na ocasião, estiveram presentes vários representantes do movimento cultural da cidade, especialmente a Professora Ivone Mariano, e, o colaborador deste mensário, Dr. Lucas Provenzano, acompanhado de sua esposa, que, com o mesmo jeitão do Dr. Marcelo, veem se apaixonando pelo nosso lugar. Eita, nós!

CARROS ANTIGOS NA PRAÇA PREFEITO MÁRIO ZUCATO

Muito oportuno o evento que estava em andamento no final de semana de 01/11/2025, com a exibição de autos e alguns trucks cavalos-mecânicos antigos. Além da exposição, vários itens estavam disponíveis para venda, movimentando o restrito mercado de colecionadores, enquanto na alameda central corria forte o som

das bandas em exibição e eram servidos lanches e bebidas ao gosto do freguês. Gostei de ver!

TEMPO DE PREPARO, TEMPO DE PLANTIO!

Graças às chuvas que chegaram com mais força na passagem de outubro para novembro, nossos agricultores, que já vinham preparando a terra, agora irão semeá-la, enchê-la de cuidados e de preces na esperança de bons tempos e boas colheitas. “O sertanejo é um forte” e continuará sendo. Benza-o, Deus!

BOA SORTE, APENAS SORTE OU MÁ SORTE.

Todos nós tendemos a acreditar que, o que somos ou temos, conseguimos ou perdemos, pertencem aos insondáveis desígnios da SORTE, e a ela (a Sorte) creditamos nosso sucesso e debitamos nossos fracassos. Certo? Não. Está tudo errado. É certo que a cada um de nós cabe condições diferentes, no entanto, os resultados que vamos obter não dependem de sorte, senão do exercício da capacidade de analisar o ambiente, de escolher projetos compatíveis com nossas condições e de implantá-los com muita disciplina, ousadia e persistência... Até o fim! Portanto, ao assumir vitimismo e ao atribuir fracassos à falta de sorte estaremos confessando nossa incapacidade de empreender e tentando repassar a terceiros o nosso insucesso. Pela manhã, logo cedo, acorde analisando o universo, escolha seu projeto, analise a viabilidade, trabalhe com afinco e disciplina e aumente a possibilidade de sucesso. Só assim você vai tirar o pé do lodo. Assuma a responsabilidade e deixe de procurar culpados do lado de fora da própria cabeça. Falei!

DIVERSIDADE... O LIVRO!

Em comemoração ao 19º Congresso Internacional de Espeleologia (19th ICS) realizado na cidade de Belo Horizonte, MG, entre os dias 20 a 27/07/2025, foi lançado o livro “DIVERSIDADE nas cavernas e na vida” de autoria de José Ayrton Labegalini, contendo uma coletânea

de citações de terceiros e fotos, de diversas cavernas, alusivas ao tema, nos idiomas português e inglês. Carregado de bom gosto e sensibilidade, o livro envolve o leitor/observador num contexto de ideias e imagens que o tornam deslumbrante. Na mesma ocasião, foi lançado, também, do mesmo autor, o indispensável documentário intitulado SIXTY YEARS OF THE UIS – 1965-2025, material indispensável para aqueles que se interessam pela espeleologia. Valeu, Zé Ayrton!

“E, DÁ-LHE, PORCO!”, REUNIÃO ANUAL DOS PALESTRINOS DE MONTE SIÃO

Só para constar, porque o assunto será objeto de nova abordagem, dia 8 de novembro os Palestrinos de Monte Sião reuniram-se novamente, na Chácara S. Sebastião, no bairro do Tanque. Desta vez, apadrinhados pelo craque Jorginho, dos anos 80, aquele mesmo marcava gols olímpicos e que pousou para a capa da Revista Placar, em novembro de 1986, tendo um Porco em seus braços e assumindo, definitivamente, o Porco como símbolo do time. Casa lotada, entre amigos, cerveja gelada e comida boa, especialmente a sopa de mandioca do Zé Armelin e seus ajudantes. Ano que vem, tem mais!

BOAS FESTAS, FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO!

Aproveitando o ocaso do ano 2025, reunimos nossa cota de otimismo, bom humor e esperança para agradecer a todos os colaboradores da Fundação Cultural Pascoal Andreta e todas as suas frentes de trabalho, especialmente o Museu Histórico e Geográfico, o Semeador de Livros e a turma do jornal Monte Sião, enquanto, todos juntos, abraçamos nossos leitores, patrocinadores, anunciantes e amigos em geral, desejando que as festas sejam comemorações da passagem do tempo, que nasce para uns e encerra a contagem para outros, mas que, nos permite continuar acreditando e lutando a cada dia para que possamos realizar todos os nossos projetos pessoais, familiares e comunitários. Boas Festas e Feliz ano novo a todos!



CANÇÕES DE MONTE SIÃO



Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

E eu chorei (samba - 1937)

PASCOAL ANDRETA E GERALDO M. SILVA

I

Chorei,

Chorei porque, meu bem, partiste

Sem levar a solidão e a dor.

Chorei pela tua ingratidão,

Chorei pelo fim do nosso amor,

Do nosso amor...

II

Por ti, querida, muito sofri,

Muito pranto derramei.

Não quis chorar pensando em ti,

Porém chorei, muito chorei.

E eu chorei...

III

Quando já velha, sem ilusão,

Recordares que te amei,

Hás de sofrer na solidão

E de chorar como chorei.

E eu chorei...



ADRIANO - CHARLES - MAURICE


(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG



PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG





A melhor internet do Circuito das Águas Paulistas
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001



Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● **Teste do Pezinho ampliado**
● **Credenciamento com os Laboratórios:**
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144



Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180